

Saúde Pública: Um Estudo Sobre Os Desafios Enfrentados Para O Atendimento À População Indígena E Quilombola

Carolina Sena Vieira - Autoria Principal

Universidade: Atenas Porto Seguro (BA)

Rafael Radisson Coimbra Pereira Da Silva

Universidade Estadual Do Ceará

Maqcielle Ferreira Lopes

Universidade Federal Do Maranhão

Nayla Andrade Barboza

Universidade Federal Do Piauí

Valéria Alves da Silva Nery

UESB

Anselmo Alves Lustosa

Universidade Federal Do Piauí

Uenderson Alivad Oliveira Da Silva

Universidade Federal Do Amazonas

Luciano Tavares Da Silva

Universidade Federal Do Pará

André Luiz Baptista Galvão

Universidade Federal De Roraima

Lucas Teixeira Dezem

Universidade De Ribeirão Preto

Déborah Vasconcelos Taumaturgo Dias

Universidade Federal Do Ceará

Ramon Missias-Moreira

Universidade Do Minho, Portugal

Haline Rachel Lino Gomes

Unifimes

Resumo:

A pesquisa teve como objetivo analisar os principais desafios enfrentados pelos profissionais de saúde no atendimento às populações indígenas e quilombolas, além de identificar as estratégias utilizadas para melhorar a qualidade desse atendimento. Trata-se de um estudo prático qualitativo, realizado com uma amostra de 12 profissionais de saúde que atuam diretamente nessas comunidades, utilizando entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados. A análise dos resultados revelou que as principais barreiras para um atendimento

eficaz incluem dificuldades de comunicação, resistência cultural, falta de infraestrutura, e a ausência de formação específica dos profissionais para lidar com as especificidades dessas populações. Além disso, observou-se que a integração dos saberes tradicionais com a medicina convencional, o fortalecimento das políticas públicas e a capacitação dos profissionais são estratégias essenciais para melhorar a qualidade do atendimento. A conclusão aponta que, para garantir um atendimento eficaz e equitativo, é necessário um esforço conjunto entre profissionais de saúde, autoridades governamentais e as próprias comunidades, respeitando suas especificidades culturais e promovendo uma abordagem de saúde integrada, sensível e inclusiva.

Palavras-chave: Saúde Pública; Quilombola; Indígena.

Date of Submission: 13-03-2025

Date of Acceptance: 23-03-2025

I. Introdução

A saúde pública no Brasil enfrenta uma série de desafios, e entre os maiores obstáculos está a inclusão de grupos historicamente marginalizados, como as populações indígenas e quilombolas, nos serviços de saúde. Esses grupos, apesar de sua importância cultural e histórica, ainda enfrentam barreiras significativas para acessar serviços de saúde de qualidade, o que resulta em desigualdades na saúde e condições de vida precárias. A situação é ainda mais crítica quando se considera o contexto geográfico e social dessas comunidades, que muitas vezes estão localizadas em áreas de difícil acesso e possuem modos de vida que diferem amplamente da população urbana) (Anunciação et al., 2022; Barbosa; Souza; Oliveira, 2019).

Os povos indígenas e quilombolas têm sido vítimas de um longo processo de exclusão social e econômica. Esse processo não se limita apenas à falta de acesso a serviços básicos, como educação e infraestrutura, mas também se reflete diretamente na saúde. As populações indígenas, por exemplo, muitas vezes vivem em terras remotas, o que dificulta a implementação de políticas públicas de saúde adequadas. Além disso, há questões relacionadas à preservação de suas práticas culturais e conhecimentos tradicionais, que precisam ser respeitados nas abordagens de saúde, mas, ao mesmo tempo, muitas vezes são negligenciados pelos profissionais de saúde convencionais (Castro; Rocha, 2024).

Por outro lado, as comunidades quilombolas, descendentes de africanos escravizados, também enfrentam desafios relacionados ao acesso à saúde. Muitas dessas comunidades estão localizadas em áreas rurais ou periféricas, o que as torna invisíveis para o sistema de saúde oficial. Além disso, as populações quilombolas frequentemente enfrentam discriminação racial e social, o que agrava ainda mais as dificuldades de acesso e aceitação dos serviços de saúde. A falta de uma abordagem que considere suas especificidades culturais e sociais contribui para a perpetuação de desigualdades no atendimento (Amorim; Tomazi; Silva, 2018).

A diversidade cultural e os modos de vida próprios dessas populações exigem uma abordagem diferenciada e sensível no atendimento à saúde. No caso dos indígenas, é necessário integrar os saberes tradicionais com as práticas biomédicas, respeitando suas crenças e valores, sem impor modelos externos que podem ser prejudiciais. No caso dos quilombolas, o reconhecimento das suas condições históricas e sociais, como o racismo estrutural e as desigualdades de acesso, é essencial para a construção de políticas públicas eficazes e inclusivas (Moura; Bezerra; Rozendo, 2023).

Além disso, o sistema de saúde pública do Brasil enfrenta desafios estruturais, como a escassez de recursos financeiros, a falta de profissionais qualificados em áreas remotas e a deficiência de infraestrutura. Esses problemas, já presentes nas zonas urbanas, se intensificam quando se trata das populações indígenas e quilombolas. A falta de hospitais, postos de saúde e a escassez de transporte dificultam o acesso dessas comunidades ao atendimento médico adequado, o que compromete a eficácia do sistema de saúde como um todo (Oliveira, 2020).

No âmbito das políticas públicas, é necessário que haja um esforço contínuo para promover a equidade no acesso à saúde para todos os brasileiros, incluindo as populações indígenas e quilombolas. As iniciativas devem ser voltadas para a construção de um sistema que respeite as especificidades culturais e sociais desses grupos, promovendo a inclusão de suas vozes na formulação de políticas de saúde. A participação ativa das comunidades nas decisões sobre o que é melhor para sua saúde é fundamental para garantir que os serviços de saúde sejam eficazes e aceitos por essas populações (Silva; Meira, 2024).

Diante deste contexto, o objetivo da pesquisa foi analisar os principais desafios enfrentados pelas populações indígenas e quilombolas no acesso ao atendimento de saúde pública, além de identificar as estratégias que têm sido implementadas para melhorar a qualidade do atendimento a esses grupos. A pesquisa buscou também compreender a percepção dessas comunidades sobre os serviços de saúde oferecidos, as barreiras encontradas no processo de atendimento e sugerir soluções que possam contribuir para a melhoria da saúde pública nessas populações.

II. Materiais E Métodos

A pesquisa foi realizada por meio de um estudo prático qualitativo, que teve como principal objetivo compreender as percepções e experiências dos profissionais de saúde no atendimento às populações indígenas e quilombolas. A abordagem qualitativa foi escolhida devido à sua capacidade de explorar em profundidade as questões subjetivas, como as dificuldades encontradas pelos profissionais no contato com essas comunidades, as estratégias de atendimento utilizadas e as barreiras culturais e sociais que impactam a eficácia dos serviços de saúde. Esse tipo de abordagem permite capturar a complexidade dos processos de cuidado, considerando as dimensões humanas e culturais envolvidas, que são fundamentais para entender as especificidades do atendimento a esses grupos.

A amostra foi composta por 12 profissionais de saúde, incluindo médicos, enfermeiros, agentes comunitários de saúde e outros profissionais que atuam diretamente com as populações indígenas e quilombolas. Esses profissionais foram selecionados com base na sua experiência prática no atendimento a essas comunidades, o que garantiu uma amostra representativa do universo de trabalhadores envolvidos nesse contexto. A escolha de uma amostra relativamente pequena se deu pela necessidade de se concentrar em uma análise mais detalhada e aprofundada das vivências desses profissionais, permitindo um maior entendimento das nuances do processo de atendimento. Todos os participantes foram voluntários e deram seu consentimento livre e informado para participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que permitiram que os profissionais de saúde se expressassem livremente, ao mesmo tempo em que garantiam que as questões mais importantes para a pesquisa fossem abordadas. As entrevistas foram conduzidas de forma individual e em locais escolhidos pelos próprios profissionais, garantindo um ambiente confortável e confidencial para a discussão. Durante as entrevistas, foram abordados temas como as dificuldades enfrentadas pelos profissionais no atendimento às populações, as estratégias adotadas para lidar com as especificidades culturais dessas comunidades, a percepção sobre a eficácia das políticas públicas de saúde e as sugestões para melhorar o atendimento a esses grupos. As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos participantes, e transcritas para análise posterior.

A análise dos dados seguiu a metodologia de análise de conteúdo, uma técnica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas que permite identificar padrões, temas e categorias a partir das falas dos participantes. Inicialmente, as transcrições das entrevistas foram lidas e relembadas para obter uma visão geral das percepções dos profissionais. Em seguida, os dados foram segmentados e agrupados em categorias temáticas, como "barreiras no atendimento", "práticas culturais no cuidado", "necessidades específicas de saúde" e "propostas de melhorias". Cada categoria foi analisada à luz da literatura existente sobre o tema, permitindo identificar as convergências e divergências nas percepções dos profissionais e as implicações dessas práticas no atendimento às populações indígenas e quilombolas. O processo de análise foi rigoroso, e os dados foram constantemente comparados para garantir a validade e a consistência dos resultados.

III. Resultados E Discussões

Os resultados da pesquisa revelaram informações significativas sobre os desafios e as experiências dos profissionais de saúde no atendimento às populações indígenas e quilombolas. A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas permitiu identificar uma série de padrões e categorias que estão diretamente relacionados às barreiras culturais, estruturais e sociais enfrentadas por essas comunidades, além das estratégias adotadas pelos profissionais para lidar com essas dificuldades. A seguir, apresentamos os principais achados, acompanhados de relatos dos participantes, que ilustram as percepções e vivências de quem atua diretamente no atendimento a esses grupos.

A primeira categoria identificada foi a dificuldade de comunicação e a barreira linguística. Diversos profissionais relataram que a falta de compreensão da língua materna das populações indígenas representa um grande obstáculo no atendimento médico. A escassez de tradutores ou profissionais fluentes nas línguas indígenas é uma das principais limitações encontradas. Segundo o entrevistado E04, “muitas vezes, quando atendemos um indígena, temos que recorrer a um parente ou alguém da comunidade que fale a língua, mas isso nem sempre é possível, e acaba dificultando o diagnóstico e o tratamento adequado.” Esse cenário compromete a precisão do atendimento e aumenta o risco de mal-entendidos, tanto no diagnóstico quanto na adesão ao tratamento recomendado.

Além disso, foi identificado que, nos casos das comunidades quilombolas, a dificuldade de acesso geográfico também é uma barreira importante. Os profissionais de saúde mencionaram que as comunidades frequentemente estão localizadas em áreas remotas, o que implica em desafios logísticos para a chegada de equipes de saúde. O entrevistado E02 destacou que “muitas vezes, a estrutura do sistema de transporte não é adequada para chegar até as comunidades quilombolas, e os serviços de saúde ficam limitados apenas às ações de prevenção.” A falta de unidades de saúde próximas e a dificuldade de deslocamento das equipes tornam o atendimento muito mais difícil, e as visitas médicas se tornam mais esparsas, o que prejudica a continuidade do

cuidado. A falta de formação específica dos profissionais de saúde também foi uma questão apontada por muitos entrevistados.

A maioria dos profissionais relatou que não havia treinamentos adequados sobre as necessidades de saúde das populações indígenas e quilombolas, e que isso dificultava a aplicação de estratégias mais sensíveis às características culturais dessas populações. O entrevistado E07 comentou: “A formação que recebi foi bastante genérica, e eu só fui aprender, na prática, a importância de entender as diferenças culturais quando comecei a atuar nas comunidades mais distantes.” A falta de conhecimento específico sobre as tradições, os saberes e as crenças dessas populações é uma lacuna significativa que afeta diretamente a eficácia do atendimento e a confiança dessas comunidades nos serviços de saúde.

Outra categoria relevante foi a resistência cultural e desconfiança em relação ao sistema de saúde. Alguns profissionais relataram que as populações indígenas e quilombolas muitas vezes demonstram resistência em relação ao atendimento médico, devido a desconfianças históricas em relação ao sistema de saúde. A desconfiança tem raízes históricas, principalmente no que diz respeito à imposição de práticas médicas que muitas vezes desconsideram as crenças tradicionais. O entrevistado E06 expressou que “em algumas situações, as comunidades preferem recorrer aos curandeiros tradicionais, e temos que ter muito cuidado para não impor o modelo de saúde ocidental sem entender o que realmente funciona para eles.” Isso sugere que, para uma prática de saúde eficaz, é necessário integrar as práticas tradicionais com a medicina convencional, respeitando as escolhas das comunidades e oferecendo uma abordagem de cuidado mais integrada.

Em relação à integração de práticas culturais nos cuidados de saúde, a pesquisa também identificou que algumas comunidades exigem um modelo de cuidado que considere suas práticas espirituais e medicinais. O entrevistado E05 relatou que “os indígenas muitas vezes buscam um equilíbrio entre os tratamentos convencionais e os tratamentos que fazem parte da sua cultura, como o uso de plantas medicinais. Isso precisa ser respeitado pelos profissionais de saúde, mas também deve ser orientado de maneira cuidadosa.” Assim, a medicina tradicional indígena, com seu uso de plantas e outros remédios naturais, precisa ser considerada dentro do contexto do cuidado, mas sempre com supervisão para evitar complicações de saúde que possam surgir da interação com medicamentos convencionais.

A falta de recursos e infraestrutura adequada também foi um ponto amplamente mencionado. Muitos profissionais indicaram que a infraestrutura deficiente nas unidades de saúde dificulta o fornecimento de cuidados básicos, especialmente em áreas de difícil acesso. O entrevistado E09 destacou que “a falta de materiais e equipamentos adequados é um grande problema. Em algumas comunidades quilombolas, por exemplo, não há um posto de saúde com os recursos mínimos necessários para realizar exames básicos.” A escassez de recursos afeta diretamente a qualidade do atendimento e, em muitos casos, impede que os profissionais ofereçam o cuidado necessário para essas populações.

Além disso, foi possível observar que a ausência de políticas públicas específicas para as populações indígenas e quilombolas também representa um desafio. Embora existam políticas de saúde direcionadas a essas comunidades, elas ainda são insuficientes, e muitas vezes não conseguem atingir os objetivos propostos de forma eficaz. O entrevistado E03 mencionou que “existem programas de saúde, mas eles são pontuais e muitas vezes não têm continuidade. A falta de uma política pública de saúde que seja realmente focada nessas populações cria uma instabilidade no atendimento.” A falta de continuidade e a fragmentação das políticas públicas dificultam a construção de um sistema de saúde robusto e adequado para as populações marginalizadas.

No que se refere à capacidade de adaptação dos profissionais, muitos mencionaram que o processo de adaptação é constante. Profissionais de saúde precisam estar dispostos a aprender com as comunidades e a ajustar suas abordagens conforme as necessidades locais. O entrevistado E08 destacou que “cada comunidade é única, e as estratégias que funcionam em uma podem não ser aplicáveis em outra. A adaptação contínua do profissional é crucial.” Isso indica a importância de flexibilidade e sensibilidade cultural no atendimento, além de um processo contínuo de aprendizado, onde os profissionais possam aprimorar suas habilidades de acordo com a realidade local.

A formação de parcerias com líderes locais foi outra estratégia destacada por alguns profissionais. A colaboração com líderes comunitários, tanto indígenas quanto quilombolas, foi considerada uma abordagem essencial para criar uma ponte de confiança entre as comunidades e os profissionais de saúde. O entrevistado E01 mencionou que “quando conseguimos o apoio de líderes comunitários, o atendimento tende a ser mais aceito. Eles são figuras de respeito nas comunidades, e a orientação deles é fundamental para o sucesso das intervenções.” Essa parceria é vista como um ponto-chave para a construção de um atendimento eficaz e respeitoso, baseado na confiança mútua.

Por outro lado, a pesquisa também revelou que a participação das comunidades no processo de saúde é crucial para o sucesso do atendimento. Muitos profissionais relataram que, ao envolver as comunidades nas decisões sobre seu cuidado, o atendimento se torna mais eficaz. O entrevistado E10 observou que “quando as comunidades são consultadas sobre suas necessidades de saúde e seus métodos preferidos de tratamento, elas ficam mais receptivas e colaboram melhor.” Essa participação ativa pode ajudar a garantir que as abordagens de

cuidado sejam culturalmente adequadas e que as comunidades se sintam mais engajadas no processo de cuidados de saúde. A educação em saúde também foi considerada uma estratégia importante para superar as barreiras culturais e melhorar a adesão ao tratamento.

Muitos profissionais mencionaram a necessidade de educar as populações indígenas e quilombolas sobre os benefícios dos cuidados médicos, ao mesmo tempo em que respeitam suas crenças e práticas culturais. O entrevistado E11 afirmou que “a educação em saúde deve ser feita de forma sensível, explicando os benefícios dos tratamentos médicos convencionais sem desconsiderar as práticas culturais que as comunidades já utilizam.” Essa abordagem é vista como uma maneira de criar um ambiente de cooperação entre os profissionais de saúde e as comunidades atendidas. Ao analisar as estratégias para melhorar a qualidade do atendimento, muitos profissionais sugeriram a criação de equipes multidisciplinares para atender as populações indígenas e quilombolas.

A presença de psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais além dos médicos e enfermeiros seria uma forma de promover um atendimento mais holístico e eficaz. O entrevistado E12 sugeriu que “uma abordagem mais integrada, com profissionais de várias áreas, pode ajudar a cobrir todas as necessidades da comunidade de maneira mais completa.” A formação dessas equipes seria uma resposta importante às complexas demandas de saúde dessas populações.

Por fim, os profissionais destacaram que o atendimento às populações indígenas e quilombolas requer um compromisso contínuo e a disposição para trabalhar em um ambiente desafiador, mas gratificante. Como o entrevistado E03 enfatizou: “não é fácil, mas é um trabalho que vale a pena. Acredito que, se conseguirmos superar os obstáculos, podemos oferecer um atendimento realmente transformador para essas populações.” O comprometimento dos profissionais, a formação constante e o respeito às especificidades culturais são fatores essenciais para a melhoria contínua do atendimento de saúde nessas comunidades. Esses resultados e relatos evidenciam as complexas questões que envolvem o atendimento à saúde das populações indígenas e quilombolas. A pesquisa demonstra que, para um atendimento eficaz, é necessário que haja uma integração de saberes, um maior investimento em infraestrutura e políticas públicas, além de um respeito contínuo às práticas culturais e sociais dessas comunidades.

IV. Conclusão

A pesquisa realizada permitiu uma compreensão aprofundada dos desafios enfrentados pelos profissionais de saúde no atendimento às populações indígenas e quilombolas, destacando as dificuldades culturais, geográficas e estruturais que dificultam o acesso e a qualidade dos serviços de saúde nessas comunidades. Os resultados obtidos revelaram que, apesar de existirem políticas públicas direcionadas a essas populações, há uma série de lacunas que precisam ser abordadas para garantir um atendimento mais eficaz e equitativo. A análise dos dados mostrou que as barreiras linguísticas, a resistência cultural, a falta de infraestrutura adequada e a escassez de profissionais capacitados são fatores determinantes que impactam diretamente o processo de cuidado.

Primeiramente, a pesquisa evidenciou que a comunicação com essas populações é um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais de saúde, especialmente no caso das comunidades indígenas, onde a língua materna é um obstáculo significativo para o atendimento. A escassez de tradutores e a falta de conhecimentos sobre as especificidades linguísticas e culturais dessas comunidades dificultam a coleta de informações essenciais para o diagnóstico e o seguimento do tratamento. Isso mostra a necessidade urgente de capacitação dos profissionais de saúde em línguas indígenas e de políticas públicas que promovam a formação de tradutores ou mediadores culturais, para melhorar a comunicação entre os profissionais e as comunidades atendidas.

Outro ponto crucial levantado pela pesquisa foi a questão do acesso geográfico. A localização remota de muitas comunidades indígenas e quilombolas, aliada à precariedade de infraestrutura no Brasil rural e periférico, cria barreiras significativas para que as equipes de saúde consigam alcançar essas populações de forma contínua e eficaz. A dificuldade de transporte e a falta de postos de saúde adequados, como indicado por diversos entrevistados, comprometem o atendimento básico e, muitas vezes, as comunidades ficam sem acompanhamento médico regular, o que prejudica a prevenção e o controle de doenças. Nesse sentido, é essencial que o governo federal e os estados invistam em transporte adequado e ampliação da rede de serviços de saúde nas áreas mais distantes, garantindo que as populações mais vulneráveis não sejam negligenciadas.

Além disso, a pesquisa apontou que a integração das práticas tradicionais de saúde com as modernas é fundamental para o sucesso do atendimento. Muitas comunidades indígenas e quilombolas têm suas próprias práticas medicinais, que são vistas com desconfiança pelos profissionais de saúde tradicionais. Contudo, os relatos dos entrevistados mostraram que uma abordagem mais integradora, que respeite e considere as terapias tradicionais, pode melhorar a adesão ao tratamento médico convencional e fortalecer o vínculo entre os profissionais e as comunidades. A integração dos saberes, quando feita de forma respeitosa e consciente, não só

promove a confiança, mas também oferece uma alternativa de cuidado mais eficaz e sensível às necessidades culturais.

Por outro lado, a falta de capacitação adequada dos profissionais de saúde, que muitas vezes não são preparados para lidar com as particularidades das populações indígenas e quilombolas, foi identificada como outro obstáculo relevante. A pesquisa revelou que muitos profissionais de saúde sentem-se despreparados para lidar com a diversidade cultural e as especificidades desses grupos, o que pode levar a um atendimento ineficaz e até mesmo à reprodução de estigmas e preconceitos. A formação de profissionais de saúde, com enfoque nas questões culturais, sociais e históricas dessas populações, se apresenta como uma das soluções mais urgentes para garantir que o atendimento seja de qualidade e respeitoso. Isso envolve não apenas a capacitação técnica, mas também a promoção de uma postura ética e sensível por parte dos profissionais de saúde.

A resistência cultural também foi identificada como um desafio recorrente, especialmente entre as comunidades indígenas, que muitas vezes têm desconfiança em relação ao sistema de saúde oficial. Essa desconfiança decorre, em grande parte, de um histórico de marginalização e de imposição de práticas que desconsideram suas tradições. Os profissionais de saúde precisam ser capacitados para lidar com essa resistência de forma compreensiva, construindo relações de confiança com as lideranças locais e respeitando as escolhas de tratamento dessas comunidades. Para tanto, a pesquisa sugere que a criação de espaços de diálogo, onde as comunidades possam expressar suas necessidades e opiniões, é uma estratégia fundamental para melhorar o acesso e a eficácia do atendimento.

Ademais, a pesquisa trouxe à tona a importância de políticas públicas integradas e sustentáveis, que considerem as especificidades das populações indígenas e quilombolas. Embora existam programas voltados para essas populações, eles frequentemente são pontuais e carecem de continuidade. É necessário, portanto, que o governo federal e os estados promovam ações de longo prazo, com planejamento adequado e recursos financeiros para garantir que as políticas de saúde sejam eficazes. Essas políticas devem incluir, por exemplo, a ampliação da cobertura de saúde, a construção de postos de saúde em regiões de difícil acesso e o fortalecimento de equipes multidisciplinares que atendam às diversas necessidades dessas comunidades.

Por fim, a participação ativa das comunidades no processo de saúde se mostrou fundamental para a melhoria do atendimento. Quando as comunidades indígenas e quilombolas têm a oportunidade de participar da construção das estratégias de cuidado, elas se tornam mais receptivas e colaborativas, o que melhora a adesão ao tratamento e contribui para o fortalecimento dos vínculos com os profissionais de saúde. Nesse sentido, a pesquisa indicou que a saúde precisa ser entendida de forma integral, como um processo compartilhado entre os profissionais e as populações atendidas, que deve ser desenvolvido em um contexto de respeito mútuo e troca de saberes.

Em conclusão, a pesquisa evidenciou que os desafios no atendimento às populações indígenas e quilombolas são múltiplos e complexos, e que é necessário adotar uma abordagem mais holística e sensível para superá-los. A integração de saberes, a capacitação de profissionais, a melhoria da infraestrutura e a criação de políticas públicas eficazes são passos essenciais para promover a equidade no acesso à saúde dessas populações. As soluções para esses problemas não podem ser tratadas de forma isolada, mas exigem um esforço conjunto entre os profissionais de saúde, as comunidades, as autoridades governamentais e as organizações da sociedade civil. Assim, o atendimento à saúde das populações indígenas e quilombolas só será eficaz se forem respeitadas suas especificidades culturais e sociais, criando um modelo de saúde que seja inclusivo, equitativo e sustentável.

Referências

- [1] Amorim, M. M.; Tomazi, L.; Silva, R. A. A.; Gustinari, R. S.; Figueiredo, T. B. Avaliação Das Condições Habitacionais E De Saúde Da Comunidade Quilombola Boqueirão, Bahia, Brasil. *Bioscience Journal*, 29(4), 1049-1057. 2018.
- [2] Anunciação, D. Et Al. (Des)Caminhos Na Garantia Da Saúde Da População Negra E No Enfrentamento Ao Racismo No Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022.
- [3] Barbosa, M. J.; Souza, T. R.; Oliveira, L. Desafios No Atendimento De Saúde Em Comunidades Indígenas E Quilombolas Da Amazônia. *Revista Brasileira De Saúde Pública*, 45(3), 657-670. 2019.
- [4] Castro, L.C.; Rocha, M.A.L.F. Principais Parasitoses Em Povos Indígenas Na Amazônia. *Facit Business And Technology Journal*, 55(1), 520-541. 2024.
- [5] Moura, Joana T. V.; Bezerra, Antônia G. C.; Rozendo, Cimone. Resgatando Tradições: Articulações Entre Estado E Sociedade Na Elaboração Do Programa Estadual De Sementes Crioulas Do Rio Grande Do Norte. *Sociedade E Estado*, Brasília, V. 38, N. 1, Jan./Abr. 2023.
- [6] Oliveira, R. M. De S. Quilombos, Racismo Ambiental E Formação Em Saúde E Saúde Mental: Diálogos Emergentes. *Odeere*, [S. L.], V. 5, N. 10, P. 129-156, 2020.
- [7] Silva, A. T. M.; Meira, R. B. Cultivando E Cristalizando Resistências: Práticas Alimentares E De Saúde Nas Literaturas E Nos Escritos Indígenas Guarani E Quilombolas. *Estudos Ibero-Americanos*, [S. L.], V. 50, N. 1, P. E45793, 2024.